

Carta a Franz Mehring

(em Berlim)

Friedrich Engels

14 de Julho de 1893

Transcrição autorizada



Primeira Edição: Publicado, pela primeira vez, de forma abreviada no livro de Franz Mehring, *Geschichte der Deutschen Sozialdemokratie*, vol. III, t. II, Stuttgart 1898, e, na íntegra, em russo, nas *Obras de Marx e de Engels*, primeira edição, vol. XXIX, 1946. Publicado segundo o texto do manuscrito. Traduzido do alemão.

Fonte: Obras Escolhidas em três tomos, [Editorial "Avante!"](#) - Edição dirigida por um colectivo composto por: José BARATA-MOURA, Eduardo CHITAS, Francisco MELO e Álvaro PINA, tomo III, pág: 556-561.

Tradução: José BARATA-MOURA.

Transcrição e HTML: [Fernando A. S. Araújo](#).

Direitos de Reprodução: © Direitos de tradução em língua portuguesa reservados por [Editorial "Avante!"](#) - Edições Progresso Lisboa - Moscovo, 1982.

Londres, 14 de Julho de [18]93
Caro senhor Mehring,

Só hoje venho agradecer-lhe a *Lessing-Legende* [*Lenda de Lessing*]^(1*) que amavelmente me mandou. Não queria enviar-lhe uma indicação de recepção do livro simplesmente formal, mas dizer-lhe também, ao mesmo tempo, algo sobre o conteúdo dele. Daí o atraso.

Começo pelo fim — pelo apêndice «*Über den historischen Materialismus*»^[N300], onde V. reuniu o principal excelentemente e, para qualquer [pessoa] imparcial, convincentemente. Se encontro algo a censurar é que V. me atribui mais mérito do que me cabe, mesmo se eu entrar em conta com tudo o que possivelmente eu teria encontrado autonomamente — com o tempo —, mas que, porém, Marx, com o seu rápido *coup d'oeuil*^(2*) e visão de conjunto [*Überblick*] mais ampla, muito mais depressa descobriu. Quando se teve a sorte de, durante quarenta anos, trabalhar juntamente com um homem como Marx, habitualmente, não se é tão reconhecido, durante a vida deste, quanto se crê que se merece; mas, uma vez morto o



maior, facilmente o mais pequeno é sobreestimado — e parece-me ser agora, precisamente, o meu caso; a história porá finalmente tudo isto em ordem, mas até lá, felizmente, desaparecerei e não saberei mais nada de nada.

Aliás, só falta ainda um ponto que, porém, também não foi suficientemente posto em relevo regularmente nas coisas de Marx e minhas e em relação ao que nós os dois temos igual culpa. Designadamente, nós os dois pusemos — e *tínhamos de pôr* —, primeiro, o peso principal na *dedução [Ableitung]* das representações ideológicas — políticas, jurídicas e outras —, e das acções [*Handlungen*] mediadas por essas representações, [a partir] dos factos económicos fundamentais. Ao fazê-lo, negligenciámos o lado formal relativamente ao do conteúdo: a maneira como essas representações, etc, acontecem. Isto deu, pois, aos adversários a bem-vinda oportunidade para mal-entendidos ou distorções, de que [Paul Barth](#) é um exemplo flagrante^[N297].

A ideologia é um processo que, com efeito, é completado com consciência pelo chamado pensador, mas com uma consciência falsa. As forças impulsionadoras [*Triebkräfte*] propriamente ditas que o movem permanecem-lhe desconhecidas; se não, não seria, precisamente, processo ideológico nenhum. Ele [o pensador] imagina, portanto, forças impulsionadoras falsas ou ilusórias. Porque o [processo] é um processo de pensamento, ele deduz tanto o seu conteúdo como a sua forma do puro pensar, quer do seu próprio quer do dos seus antecessores. Ele trabalha com mero material de pensamento [*Gedankenmaterial*], que, sem dar por isso, toma como produzido pelo pensar e, aliás, não investiga mais [se ele tem] uma origem mais afastada, independente do pensar; e, com efeito, isso é para ele evidente, porque, para ele, todo o agir [*Handeln*], porque *mediado* pelo pensar, parece também em última instância *fundado* no pensar.

O ideólogo histórico (histórico [*historisch*] deve simplesmente estar aqui, resumidamente, por político, jurídico, filosófico, teológico, em suma, por todos os domínios que pertencem *a sociedade* e não meramente à Natureza) — o ideólogo histórico tem, portanto, em cada domínio científico uma matéria [*Stoff*] que se formou autonomamente a partir do pensar de gerações anteriores e que fez um ciclo de desenvolvimento próprio, autónomo, no cérebro dessas gerações sucessivas. Sem dúvida que factos exteriores, que pertencem ao próprio domínio ou a outros, podem co-determinantemente ter actuado sobre este desenvolvimento, mas esses factos são, segundo o pressuposto tácito, eles próprios, por sua vez, meros frutos de um processo de pensamento e, assim, permanecemos ainda sempre na esfera do mero pensar, que aparentemente digeriu com felicidade mesmo os factos mais duros.

E esta ilusão [*Schein*] de uma história autónoma das constituições do Estado, dos sistemas do Direito, das representações ideológicas em cada domínio particular, que, antes de tudo, cega a maioria das pessoas. Se [Lutero](#) e [Calvino](#) «triunfam» [*überwinden*] da religião católica oficial, se [Hegel](#) «triunfa» de [Fichte](#) e [Kant](#), se [Rousseau](#) com o seu *Contrat social*^(3*) republicano «triunfa» indirectamente do [Montesquieu](#) constitucional^(4*), isso são processos que permanecem no interior da Teologia, da Filosofia, da Ciência do Estado, representam uma etapa na história desses domínios de pensamento e não saem fora do domínio do pensamento. E, desde que a ilusão [*Illusion*] burguesa da eternidade e última-instancialidade [*Letztinstanzlichkeit*] da produção capitalista foi acrescentada, mesmo o triunfo [*Überwindung*] dos fisiocratas e de [A. Smith](#) sobre os mercantilistas passa por uma mera vitória do pensamento; não pelo reflexo no pensamento [*Gedankenreflex*] de factos económicos alterados, mas pela penetração [*Einsicht*] correcta, finalmente alcançada, nas condições efectivas sempre e por toda a parte existentes; se [Ricardo](#) [Coração de Leão](#) e [Filipe Augusto](#) tivessem introduzido o livre-câmbio, em vez de se terem enredado em cruzadas, ter-nos-iam sido poupados quinhentos anos de miséria e de estupidez.

Este lado das coisas, que eu aqui apenas posso indicar, negligenciámo-lo nós, creio eu, mais do que ele merecia. É a velha história: no começo, a forma é sempre negligenciada relativamente ao conteúdo. Como disse, eu fi-lo igualmente, e o erro sempre só me apareceu *post festum*^(5*). Estou, portanto, não só muito longe de, de algum modo, lhe censurar isso — como co-culpado mais velho disso não tenho nenhum direito de o fazer, pelo contrário —, mas gostaria, contudo, de, para o futuro, lhe fazer notar este ponto.

Com isto se prende também a representação disparatada dos ideólogos de que, porque denegamos às diversas esferas ideológicas que desempenham um papel na história um desenvolvimento histórico autónomo, lhes denegamos também toda a *eficácia histórica* [*historische Wirksamkeit*]. Está aqui subjacente a representação não-dialéctica ordinária de causa e efeito como pólos rigidamente contrapostos um ao outro, o absoluto esquecimento da acção recíproca. Os senhores esquecem, frequentemente, quase de propósito, que um momento histórico, logo uma vez posto no mundo por outras causas, finalmente económicas, reage também sobre aquilo que o rodeia [*Umgebung*] e pode mesmo retroagir sobre as suas causas. Assim, por exemplo, [Barth](#), acerca de sacerdócio e religião, na p. 475 de V. Alegrou-me muito a maneira como V. se desembaraçou deste rapaz, contra todas as expectativas, pouco profundo. E fizeram do homem professor de História em Leipzig! Havia lá, no entanto, o velho [Wachsmuth](#), que também era pouco profundo de crânio, mas tinha

um sentido muito grande para os factos, um tipo inteiramente diferente!

Quanto ao resto, só posso repetir acerca do livro aquilo que repetidamente disse acerca dos artigos quando apareceram na *N[eue Z[eit]* [\[N21\]](#): é, de longe, a melhor exposição da génese do Estado prussiano que existe; bem posso mesmo dizer que é a única [exposição] boa, que desenvolve correctamente as conexões, na maioria das coisas, até aos pormenores. Apenas se lamenta que V. não tenha podido também incluir todo o desenvolvimento ulterior até [Bismarck](#) e, sem querer, espera-se que V. o faça de uma outra vez e exponha a imagem de conjunto com conexão, desde o príncipe eleitor Friedrich Wilhelm até ao velho Wilhelm [\(6*\)](#) **. V. fez já os estudos preparatórios e como que já terminou, pelo menos, o principal. E isso tem que ser feito antes que o baú rebente; a dissipação das lendas monárquico-patrióticas, se não é, precisamente, um pressuposto necessário da eliminação da monarquia que esconde a dominação de classe (uma vez que uma república burguesa, *pura*, na Alemanha foi ultrapassada, antes de ter sido posta de pé), [é], porém, no entanto, uma das alavancas mais eficazes para isso.

V. terá, então, mais espaço e oportunidade para expor a história local prussiana como peça da miséria alemã no seu conjunto. É este o ponto em que, aqui e ali, eu me desvio alguma coisa da concepção de V., nomeadamente, na concepção das condições preparatórias da fragmentação da Alemanha e do fracasso da revolução burguesa alemã do século XVI. Quando eu chegar a elaborar de novo a introdução histórica à minha *Bauernkrieg* [\(7*\)](#), o que, como espero, acontecerá no próximo Inverno, poderei, então, desenvolver aí os pontos relativos. Não é que eu considere os [pontos] indicados por V. como incorrectos, mas eu acrescentaria outros e agrupá-los-ia de modo algo diferente.

No estudo da história alemã — que, por certo, expõe uma única miséria contínua — sempre achei que só a comparação com as épocas francesas correspondentes dá a medida correcta, porque lá acontece precisamente o contrário do que entre nós. Lá, o estabelecimento do Estado nacional a partir dos *disjectis membris* [\(8*\)](#) do Estado feudal, precisamente quando entre nós [há] o maior declínio [*Hauptverfall*]. Lá, uma rara lógica objectiva em todo o curso do processo; entre nós, desolada e cada vez mais desolada incoerência. Lá, na Idade Média, o conquistador inglês, com a sua intervenção a favor da nacionalidade provençal contra a [nacionalidade] do Norte de França, representa a intervenção estrangeira; as guerras contra a Inglaterra representam, por assim dizer, a Guerra dos Trinta Anos [\[N210\]](#), que, todavia, termina pela expulsão da intervenção estrangeira e pela submissão do Sul pelo Norte. Vem, depois, a luta do poder central com o vassalo borgonhês [\(9*\)](#) que se apoia em possessões estrangeiras — o qual

desempenha o papel do Brandenburg-Prússia — mas que termina pela vitória do poder central e opera definitivamente o estabelecimento do Estado nacional. E [isto] precisamente no momento em que, entre nós, o Estado nacional se desmorona completamente (na medida em que se possa chamar ao «reino alemão» no interior do Sacro Império Romano ^[N186] um Estado nacional) e começa a pilhagem do território alemão em grande escala. É uma comparação em sumo grau vergonhosa para os alemães, mas, precisamente por isso, é tanto mais instrutiva; e, uma vez que os nossos operários colocaram de novo a Alemanha na primeira fila do movimento histórico, podemos engolir algo mais facilmente o opróbrio do passado.

Muito particularmente assinalável para o desenvolvimento alemão é ainda que nenhum dos dois Estados parciais que finalmente partilharam entre si toda a Alemanha é um [Estado] puramente alemão, mas ambos são colónias em território eslavo conquistado: a Áustria uma [colónia] bávara, Brandenburg uma colónia saxónica; e que eles só adquiriram poder *na* Alemanha porque se apoiaram em possessões estrangeiras, não-alemãs: a Áustria na Hungria (para não falar da Boémia), o Brandenburg na Prússia. Na fronteira oeste, mais que todas ameaçada, nada disto teve lugar; na fronteira norte, confiou-se aos dinamarqueses que protegessem a Alemanha dos dinamarqueses, e no Sul havia tão pouco para proteger que os guardas da fronteira, os suíços, puderam mesmo separar-se eles próprios da Alemanha!

Mas, lancei-me num amontoado de considerações dispersas [*Allotria*] de toda a espécie — que este palavrório, pelo menos, sirva a V. de prova de como o seu trabalho actuou sobre mim de um modo estimulante.

Uma vez mais, agradecimentos cordiais e saudações do seu

F. Engels

Compartilhe este texto:

[Início da página](#)

Visite o [MIA no Facebook](#)

Notas de rodapé:

(1*) Cf. [Franz Mehring](#), *Die Lessing-Legende. Eine Rettung von Franz Mehring. Nebst einem Anhang über den historischen Materialismus* [A Lenda de Lessing. Um Salvamento de Franz Mehring. Com Um Apêndice sobre o Materialismo Histórico], Stuttgart 1893. (Nota da edição portuguesa.) ([retornar ao texto](#))

(2*) Em francês no texto: golpe de vista. (Nota da edição portuguesa.) ([retornar ao texto](#))

(3*) Cf. Jean-Jacques [Rousseau](#), *Du Contrat social ou principes du droit politique* [*Do Contrato Social ou Princípios do Direito Político*], Amsterdam, 1762. (Nota da edição portuguesa.) ([retornar ao texto](#))

(4*) Isto é, defensor da monarquia constitucional. (*Nota da edição portuguesa.*) ([retornar ao texto](#))

(5*) Em latim no texto, literalmente: depois da festa; isto é, depois, posteriormente. (*Nota da edição portuguesa.*) ([retornar ao texto](#))

(6*) [Guilherme I](#) ([retornar ao texto](#))

(7*) Cf. F. Engels, *Der deutsche Bauernkrieg* [A Guerra de Camponeses Alemã], publicada pela primeira vez em 1850 na *Neue Rheinische Zeitung. Politisch-ökonomische Revue* [Nova Gazeta Renana. Revista Político-Económica], MEW, Bd. 7, S. 327-413. (*Nota da edição portuguesa.*) ([retornar ao texto](#))

(8*) Em latim no texto: membros dispersos, separados. (*Nota da edição portuguesa.*) ([retornar ao texto](#))

(9*) Carlos, o Temerário. ([retornar ao texto](#))

Notas de fim de tomo:

[N21] *Die Neue Zeit (Os Novos Tempos)*: revista teórica da social-democracia alemã, publicou-se em Stuttgart entre 1883 e 1923. Em 1885-1894 Engels publicou na revista vários artigos. ([retornar ao texto](#))

[N186] Referência ao chamado *Sacro Império Romano-Germânico*, império medieval, fundado em 962, que abrangia o território da Alemanha e, em parte, da Itália. Mais tarde passaram também a fazer parte do império algumas terras de França, Boémia, Áustria, Países Baixos, Suíça e outros países. O império não foi um Estado centralizado e representava uma união pouco sólida de principados feudais e cidades livres, que reconheciam o poder supremo do imperador. O império deixou de existir em 1806, quando, em consequência da derrota na guerra contra a França, os [Habsburgos](#) se viram obrigados a renunciar ao título de imperadores do Sacro Império Romano. ([retornar ao texto](#))

[N210] *Guerra dos Trinta Anos (1618-1648)*: guerra europeia provocada pela luta entre os protestantes e os católicos. A Alemanha foi o teatro principal desta luta, objecto de saque militar e de pretensões anexionistas dos participantes na guerra. Esta terminou em 1648 com a paz de Vestefália, que consagrou o fraccionamento político da Alemanha. ([retornar ao texto](#))

[N297] Trata-se do livro de [P. Barth](#) *Die Geschichtsphilosophie Hegels und Hegelianer bis auf Marx und Hartmann (A Filosofia da História de Hegel e dos Hegelianos até Marx e Hartmann)*, publicado em Leipzig em 1890. ([retornar ao texto](#))

[N300] artigo de Mehring «*Über den historischen Materialismus*» («Sobre o Materialismo Histórico») foi publicado em 1893, como apêndice ao seu livro *Lessing Legende (A Lenda de Lessing)*. ([retornar ao texto](#))

Inclusão	22/10/2011
----------	------------